

CRIATIVIDADE E DEPENDÊNCIA NA CIVILIZAÇÃO INDUSTRIAL

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Resenha do livro de Celso Furtado, *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial*, Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1978. Publicada na *Revista de Economia Política*, 1 (2), Abril 1981: 155-156.

Desde os seus primeiros livros Celso Furtado revelou-se um notável economista. Com *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* ele supera sua condição de economista político para se tornar também um pensador universal, preocupado não apenas com o desenvolvimento econômico, ou o pleno emprego, ou a repartição da renda, mas também com o próprio destino do homem e com a realização da sua liberdade.

Os intelectuais dos países periféricos estão destinados a pensar apenas a sua própria realidade, sempre tendo como referência a experiência dos países centrais. Neste livro Celso Furtado ultrapassa o nível da economia brasileira, ou da economia do subdesenvolvimento, para pensar a economia mundial. Mas não se limita à economia política, porque coloca em discussão os seus próprios pressupostos ao discutir a racionalidade instrumental da revolução burguesa que deu origem à economia política.

Tenho observado nos últimos tempos que o Brasil já não é mais exatamente um país periférico. Que sob muitos aspectos já fazemos parte do centro. Há trinta anos os intelectuais brasileiros, ao mesmo tempo em que criticavam o caráter transplantado, mimético, da cultura brasileira, a partir principalmente de dois núcleos – o ISEB e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – iniciavam a análise crítica da nossa realidade. Já éramos capazes de ver o Brasil com nossos próprios olhos.

Nos últimos dez anos começamos a ver o mundo criticamente. Como membros não apenas da periferia, mas também do centro. Este livro de Celso Furtado é um exemplo magnífico desta nova etapa da cultura brasileira.

É fascinante e contraditório ver o extraordinário economista do desenvolvimento e do subdesenvolvimento usar Nietzsche e Marcuse para criticar a civilização industrial. Para Furtado esta civilização é a resultante de dois processos de criatividade cultural: a revolução burguesa, que impôs a racionalização instrumental à produção, e a revolução científica, que atribuiu à natureza uma estrutura racional. Esta civilização industrial, subordinada à lógica da acumulação, põe em risco a liberdade humana, aliena o homem. Por isso Furtado propõe uma revolução cognitiva, que restaure o primado da sabedoria sobre o conhecimento instrumental.

Mas esta crítica radical não o impede de realizar uma grande síntese do processo de desenvolvimento, de examinar as formas históricas de superação do atraso, e de analisar quais os recursos fundamentais (tecnologia, finanças, mercados, acesso a recursos não renováveis e acesso à mão-de-obra barata) que os países subdesenvolvidos podem ou devem controlar para superar a situação de dependência. Nessa análise fica claro que cabe às tecnoburocracias estatais um papel fundamental no sentido de acelerar a acumulação, de planificar a economia, de dar unidade política à sociedade, de reformar estruturas, de constituírem-se em interlocutores das empresas transnacionais.

Os limites da ação do estado e da tecnoburocracia, entretanto, estão claros para Furtado, assim como os seus riscos. O objetivo não é apenas o desenvolvimento, que afinal funciona como uma ideologia legitimadora da relação centro-periferia, mas a própria liberdade humana. E para isto não há receita, mas uma luta diária e uma análise dialética permanente, para a qual *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* constitui-se em uma contribuição marcante.